

Olhos Lúzios

Eduardo Vieira

I

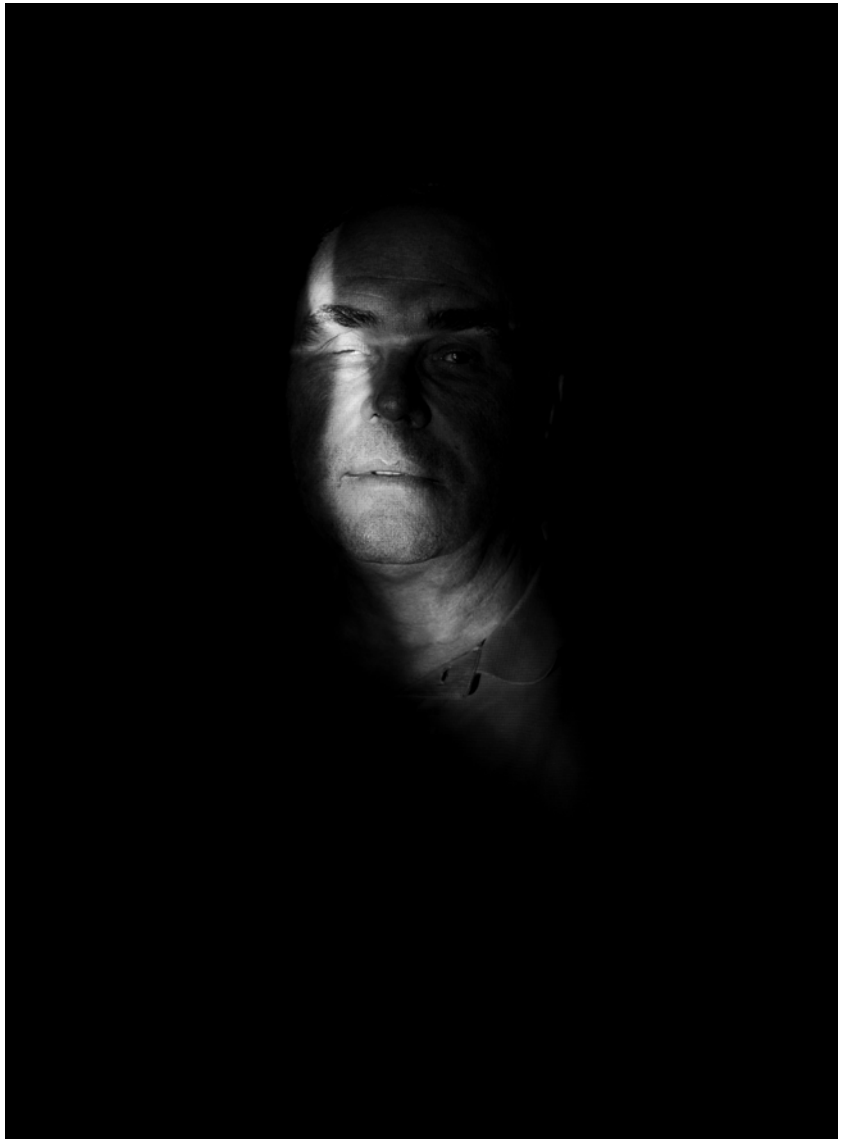
“Quando eu tinha 32 anos, decidi fazer faculdade de Musicoterapia. Apesar de ser a única deficiente visual da sala, somente eu sabia ler partitura musical. Logo no início do curso fui conversar com meu professor para saber como ele poderia adaptar as aulas, como, por exemplo, ter provas impressas com textos de tamanho maior para que eu conseguisse ler.
Ele me disse que não ia deixar de cuidar de 99 ovelhas para cuidar de mim de forma diferente e que eu teria de me virar.”



Fernanda Batista Santos

“Depois que perdi a visão me tornei o ‘Irineu deficiente visual’, o ‘Irineu cego’, muitas vezes, ‘coitadinho’. Assim as pessoas me veem. Ficam comentando sobre como é que eu posso viver sozinho sem enxergar. Enquanto outras pessoas me veem como herói, porque consigo fazer atividades cotidianas sem enxergar.
Na verdade, não enxergar é só mais uma característica minha. O que me incomoda é que me identifiquem pela minha deficiência, não pela pessoa que sou, vivência, conhecimento, qualidades e defeitos. Eu não sou um deficiente, eu sou um ser humano.
Eu entendo que exista um processo de transformação e entendimento para a sociedade. Mas eu quero viver normalmente e espero ser respeitado. Enquanto o mundo está longe do ideal eu ocupo o meu espaço, tento conscientizar as pessoas e sou feliz da melhor maneira possível.”

Irineu da Costa Cruz



"Durante a minha adolescência, estudei em um colégio de freiras que, na época, era exclusivo para deficientes visuais. Ali também ensinavam os alunos a andar sozinhos na rua. Quando a gente ia treinar no bairro, os professores ficavam escondidos, acompanhando como a gente estava se desenvolvendo e colocando em prática o que eles ensinavam.
Um dia fui embora sozinha e no caminho alguém pegou no meu braço para me ajudar a atravessar a passarela. Eu avisei qual ônibus eu pegaria e a pessoa, um homem, continuou me levando sem me responder. Chegamos no ponto e ele continuou perto de mim sem falar absolutamente nada. O ônibus chegou e ele subiu junto comigo, sentando ao meu lado. Ali eu já estava apavorada. Quando chegou a hora de descer, ele saiu junto. Comecei a chorar e gritar para que saísse de perto de mim. Então, o bananeiro da rua, que sempre me via passar com a minha irmã, se aproximou. Falei para ele que estava sendo seguida. Ele me pediu para ficar calma e falou para o outro rapaz que ele podia ir embora, agora ele mesmo iria me ajudar.
Me acalmou e me explicou que conhecia o homem. Perguntei o porquê ele agiu de forma tão estranha e sem falar nada desde o ônibus. O bananeiro explicou, meio sem graça: 'Ele é mudo'."

Tais Sabacianskis Teles



“A gente percebe no dia a dia que falta uma contribuição da sociedade, não falo apenas da infraestrutura na cidade, mas principalmente o bom senso das pessoas.
Eu estava perto do meu escritório, na época ainda tinha um pouquinho de visão, mas já usava a bengala para andar com mais segurança. Parei na faixa de pedestres para atravessar a rua. Eu não conseguia ver o semáforo nitidamente, mas conseguia enxergar a luz vermelha que era para esperar e a luz verde que indicava que eu poderia atravessar.
Luz verde e eu coloquei o pé na rua. Uma bicicleta vinha na contramão e levei um tranco. Eu reclamei e o cara me xingou. Não satisfeito ele ainda xingou minha mãe. Não tive dúvida, dei uma bengalada no meio das costas dele que eu tenho certeza que até hoje ele lembra de mim. A bengala quebrou e ficou pequena assim, ó.”

José Cláudio da Rocha e Silva



“Quando uso transporte público, geralmente fico sentada em algum dos bancos preferenciais. Aparentemente, quem olha pra mim não percebe que tenho deficiência visual. Um dia uma pessoa chegou em mim e falou para eu levantar porque o assento era para pessoas especiais. Eu respondi que era por isso que eu estava ali e, mesmo assim, a pessoa insistiu e perguntou o que eu tinha. Mas eu não tinha que dar satisfação a ninguém, afinal eu estava usufruindo um direito que é meu. Eu mostrei minha carteirinha a uma pessoa que estava ao meu lado.

A partir dali, outros passageiros que estavam em volta começaram a me defender até aquela mulher sair constrangida do trem. O grande problema é que muitas pessoas têm o hábito de julgar as outras sem saber exatamente das coisas, ou sem nem mesmo ter qualquer conexão com a situação. Eu sempre sinto que falta muita sensibilidade e empatia para que todo mundo consiga conviver minimamente bem.”

Gisleidi Aparecida Leão da Silva



“Quando eu fiquei cego, ainda na infância, precisei ser alfabetizado no sistema braile, que é o sistema de escrita e leitura para as pessoas que não enxergam. Aos 14 anos eu estudava em sala regular juntamente com os outros colegas. Eu era o único aluno cego.
Quando eu tinha alguma prova mais difícil eu levava a minha colinha em braile. Claro que ninguém sabia de nada, oras bolas.
Um certo dia estava lá fazendo a minha prova, passava o dedinho na cola, escrevia, passava o dedinho, escrevia e eu sabia que ia acertar tudo.
O professor chegou bem sutilmente até mim e falou no meu ouvido: ‘Você tá colando?’. Aquilo estremeceu todo o meu corpo. ‘Você sabe, braile?’, perguntei. ‘Eu posso não saber ler braile, mas eu sei que você está colando pela sua própria cara de quem está aprontando.’.
Naquele momento eu fiquei com bastante vergonha e pensei que tinha me dado muito mal. De fato, eu não errei nenhuma resposta. E como o professor não lia braile e não podia provar que colei, ele me deu nota 10.
Nós dois sabemos a verdade.”

Ademilson da Costa



“Ser mãe com deficiência
também pode ser aprendido e
é totalmente possível.”



Fernanda Simidamore Ferreira

“Quando a gente está devidamente preparado e com vontade de correr atrás de tudo aquilo que quer, a questão da deficiência fica onde ela deve estar, como apenas uma característica que faz parte da gente. Ela permeia toda a nossa vida, mas não define o que nós somos, não nos resume.”

Renato José da Silva



II

“Eu comecei a perder a visão aos 26 anos de idade. Assim como aconteceu com meus dois irmãos. Hoje eu tenho o que chamam de baixa visão, enxergo com pouquíssima nitidez e tenho muita sensibilidade à luz.”

Fernanda Batista Santos



“Lembro de sofrer inúmeras situações de discriminação pela minha cor, deficiência e religião. Mas nenhuma dessas pessoas que quiseram me atingir, de alguma forma, conseguiu me fazer parar ou desistir.
Hoje eu sou professora de artes e musicalização infantil. No meu trabalho, eu não tenho a possibilidade de ver o rosto dos meus alunos. Eu sinto o cheiro deles, a presença, os sons que eles estão fazendo.
Quando eu ensino trago sempre algo lúdico e alegre, porque são crianças. Mas diariamente faço questão de falar que elas são capazes, belas e que têm um grande futuro pela frente. Eu sempre as incentivo a ter força de lutar, fazer e conquistar sem ter de depender dos outros.
Ensino para elas, acima de tudo, que elas são iguais a todos e que elas têm os mesmos direitos.”

Fernanda Batista Santos





Brancas
Azuis
Amarelas
E pretas
Brincam
Na luz
As belas
Borboletas.
Borboletas brancas
São alegres e francas.
Borboletas azuis
Gostam muito de luz.
As amarelinhas
São tão bonitinhas!
E as pretas, então...
Oh, que escuridão!

"Borboletas",
Vinicius de Moraes



“Ela se locomove rapidamente pelos corredores, escadas e, no caminho, sempre brinca com alguns alunos. Na sala, que parece mais um berçário, existem outras três professoras com oito crianças de menos de dois anos de idade. Uma delas, um menino de cabelo bem espetadinho está no colo de uma professora e chora bastante. A Fernanda se aproxima dele e pergunta ‘por que tanta emoção?’. Na hora, ele começa sorrir.”



Eduardo Vieira

“A Fernanda é muito expressiva e sorridente e isso atrai de forma gravitacional a atenção das crianças. Nesta sala, uma criança em especial fica muito atenta à minha presença. Por mais que eu tente ser discreto, ela fica com os olhos grudados em mim. Eu brinco com ela, ela me dá um carrinho, e eu fico fazendo sons de carro enquanto passo o carrinho no ombro e na cabeça da criança. Ela sorri e pede pra repetir algumas vezes a brincadeira. Eu vou para o outro lado da sala e vejo um tecido quase transparente pendurado. Ali vejo que esteticamente se cria um ambiente muito bonito, com o contraste da luz ao fundo e a pele negra da Fernanda. Ela sorri e canta para os pequenos. Aquela criança que estava atenta à minha presença me encontra novamente e dessa vez ela segura um de seus sapatos, o apontando pra mim. Eu pego o sapatinho e o coloco no pé dela. Ela tira o sapato e sorri com cara de quem está aprontando.”

Eduardo Vieira





III

"Existe um estigma na sociedade sobre maternidade e paternidade para quem possui deficiência visual. As pessoas costumam levantar questões sobre como cuidar de uma criança sendo cego ou sobre a possibilidade da criança nascer também com alguma deficiência visual.
'E pode vier com a deficiência que vocês têm, então acho que é melhor repensar isso ou desistir dessa ideia' ou até 'por que vocês não adotam?'."

Fernanda Simidamore Ferreira e Renato José da Silva



“Quando a gente está devidamente preparado e com vontade de correr atrás de tudo aquilo que quer, a questão da deficiência fica onde ela deve estar, como apenas uma característica que faz parte da gente. Ela permeia toda a nossa vida, mas não define o que nós somos, não nos resume. Sobre sermos pais, nós também entendemos que a criança ter ou não algum problema com a visão não está no nosso controle. A possibilidade de ter um filho com deficiência jamais seria motivo para a gente evitar uma gravidez, porque caso isso aconteça, estamos super preparados e amparados por nós mesmos.”

Fernanda Simidamore Ferreira e Renato José da Silva



“Todas as pessoas, quando decidem ter um filho, estão sujeitas ao inesperado em diversas esferas.
Quando uma criança está chegando, a mãe não é mãe simplesmente por dar à luz. Um homem não é automaticamente pai por ser pai. Daqui para frente essa relação é construída, ela é aprendida. Você vai aprendendo a cuidar de uma criança com o tempo. Então, ser mãe e pai com deficiência também pode ser aprendido e é totalmente possível.
Uma deficiência não impede uma pessoa de ter uma vida plena. E a nossa vida é plena.”

Fernanda Simidamore Ferreira e Renato José da Silva



Olhar estrangeiro

Observar as pessoas sempre foi um exercício natural. Mas não me refiro ao tipo físico de alguém ou à roupa que veste. Eu não tenho a menor capacidade de lembrar a roupa das últimas cinco pessoas com quem estive. Não reparo nisso. Mas observo o que elas são naquele momento.

Quando eu era criança, brincava de imaginar o que os outros estavam pensando ou sentindo. A graça era fechar os olhos e imaginar qual a sensação de ser alguém, a partir da perspectiva dele. Um piloto de Fórmula 1: qual é a textura da luva ou o cheiro do suor dentro do capacete após 2 horas chacoalhando dentro de um carro? Uma senhora na rua: como é a sensação de ter 80 anos e subir a escada do Terminal Bandeira? Um homem de bigode: qual é a sensação de ter bigode? Isso coça? Eu sentia minha boca pinicar.

Até que no velório do meu primo vi meu tio, pai dele, rindo. Ele contava uma daquelas piadas com três personagens de nacionalidades diferentes, em que o último falava algo supostamente engraçado. Não lembro da piada, mas lembro de ter ficado decepcionado ao ver ele rindo em um momento tão triste. Naquele dia eu tentei fechar os olhos e ser meu

tio, mas tudo ficou vazio e não consegui. Muitos anos depois eu entendi que meu tio estava completamente destruído e, aquela atitude era uma tentativa de fugir da realidade com a qual ele simplesmente não conseguia lidar naquele momento.

Com o tempo, passei a compreender que o que as pessoas são e sentem estava muito além do que eu alcançava. Quando eu era criança, achava que todos eram transparentes simplesmente por eu imaginar ser cada um deles, mas descobri que só é possível começar a entender as pessoas a partir de uma série de sinais que elas dão, que às vezes são claros e diretos, mas, na maioria das vezes, são subliminares, velados e imprecisos.

Resgatei minha brincadeira da infância quando comecei a fotografar. A câmera é uma maneira de fechar os olhos e observar a partir de recortes das histórias de pessoas que cruzam meu caminho ao acaso.

O acaso é matematicamente possível porque ele é uma variação de repetições cotidianas. A gente sempre vai conhecer alguém novo, ouvir alguma história e presenciar situações inéditas. Isso acontece a todo momento.

"Olhos Lúzios" surgiu para mim dessa forma. Eu soube da história de uma mulher, que eu não pude conhecer, e que trabalhava em uma empresa famosa por ser "moderna e diversa". No dia a dia do escritório foram criados costumes de acessibilidade que não foram desenvolvidos a partir da opinião e da vivência de pessoas com algum tipo de deficiência. A tentativa de ser uma empresa acessível e inclusiva era superficial e as regras eram baseadas em achismos, sem ter um olhar cuidadoso para o indivíduo. Era como se tivessem juntado um punhado de ideias sobre acessibilidade e batido no liquidificador. Na teoria, preguiçoso. Na prática, um desastre.

A percepção de que seres tão distintos tinham sua individualidade completamente ignorada mexeu comigo. Comecei a conversar com pessoas com deficiência visual para entender o que eles viam no dia a dia e como a sociedade não olhava para eles. Calma, eu escolhi essas palavras de propósito.

Conheci Renato, Irineu, Fernandas e muitos outros pelo caminho. Alguns deles viraram meus amigos e aqui, com firmeza, afirmo a inexistência da minha imparcialidade neste trabalho.

(Texto em desenvolvimento)
Eduardo Vieira

Fotografias. Eduardo Vieira
Edição e design. Helena Rios e Eduardo Vieira
Textos.
Revisão dos textos. _____
Tratamento das imagens. _____
Produção gráfica. _____
Tiragem. _____
ISBN. _____

Tipografias. ___
Papel do miolo. ___ g/m²
Papel de capa. ___ g/m²
Impressão e acabamento. ___

Impresso em São Paulo, em ___ de 202_.

Agradecimentos